VOLUME 6

RIAGE
REVISTA IBERO-AMERICANA DE GERONTOLOGIA

RELAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS E A PERCEÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO COMPARATIVO EM ESTRUTURAS RESIDÊNCIAIS PARA PESSOAS IDOSAS E CENTROS DE DIA

Susana Patrícia Oliveira da Silva
Universidade Fernando Pessoa
susanasilva.psicologia@gmail.com
ORCID: 0009-0003-1336-9245

Ana Rodrigues da Costa
Universidade Fernando Pessoa
acosta@ufp.edu.pt
ORCID: 0000-0003-4428-2989

Informação do artigo
Recebido: 01/10/2024
Revisto: 30/10/2024
Aceite: 30/11/2024

RESUMO

O fenómeno do envelhecimento populacional é uma tendência global que desafia as sociedades a adaptarem-se às crescentes necessidades da sua população idosa. A qualidade de vida (QV) é uma dimensão fundamental na avaliação do bem-estar humano e pode variar consoante fatores sociodemográficos como idade, sexo, escolaridade e estado civil. Compreender estas variações torna-se relevante em contextos como as ERPI's e os Centros de Dia, onde a perceção de qualidade de vida pode influenciar significativamente a saúde e o bem-estar dos idosos. Este estudo tem como objetivo verificar as relações entre as variáveis sociodemográficas (sexo, estado civil e escolaridade) e a perceção de qualidade de vida (Geral, domínios físico, psicológico, relações sociais e ambiente). Recorre-se a uma metodologia quantitativa, descritiva, transversal e comparativa. O número de participantes é de 87 (n=42 para ERPI`s e n=45 para os Centros de dia) sendo na sua maioria mulheres, viúvas e com baixa escolaridade, com idades entre os 65 e 99 (M= 82,90; Dp= 7,50). Foram utilizados um questionário Sociodemográfico e o Whoqol-Bref. Os resultados obtidos demonstram que nas ERPI`s, viúvos e divorciados têm melhor perceção de Qualidade de Vida (QV). Já nos Centros de Dia, são os casados que percecionam ter melhor QV; os homens têm melhores relações sociais e, por último, quanto maior a escolaridade melhor a perceção de QV e dos domínios. Em suma, o estudo reforça a compreensão das relações sociodemográficas com a QV e a sua complexidade em ambas as respostas sociais, o que implica a necessidade de práticas e estratégias que respondam a necessidades especificas da população promovendo a QV.

Palavras-chave: idosos; qualidade de vida; ERPI; Centros de Dia, relações sociodemográficas

INTRODUÇÃO

O fenómeno do envelhecimento populacional é uma tendência demográfica que vem sendo acentuada ao longo dos anos. Ao longo das últimas décadas, o aumento significativo do envelhecimento populacional a nível mundial e no nosso país, tem-se revelado um fenómeno preocupante, associado a diferentes causas, como: o declínio da taxa de natalidade, a redução das taxas fecundidade, o aumento da longevidade, as novas configurações das estruturas familiares, ao desenvolvimento socioeconómico, entre outras (Azevedo et al., 2022; Sousa et al., 2021).

Segundo a PRODATA (2024), os dados estatísticos mais atualizados do índice do envelhecimento europeu, apontavam para que Portugal fosse o segundo país mais envelhecido da Europa com 185 idosos por cada 100 jovens, com idades inferiores a 15 anos. Comparativamente com os Censos 2011, os últimos Censos 2021, indicavam um agravamento do fenómeno do envelhecimento da população idosa portuguesa (=>65 anos), com um crescimento de 20,6% (INE, 2020), com maior incidência no interior norte e centro. Prevê-se um agravamento acentuado em Portugal entre 2018-2080, que poderá atingir 300 idosos por cada 100 jovens, sendo que em 2050, possivelmente se prevê uma estabilização no índice do envelhecimento (Azevedo et al., 2022; INE, 2022).

O envelhecimento populacional tem implicações profundas para um país em diversos níveis: económico, social, sustentabilidade dos sistemas de saúde e da segurança social. Torna-se assim necessário a criação de políticas inclusivas e adaptadas a esta faixa etária. Para que tal aconteça é necessário obter uma compreensão do processo de envelhecimento em idosos para enfrentar esses mesmos desafios (De Melo et al. 2020; Figueira et al., 2020; Sousa et al., 2021).

O processo de envelhecimento é um percurso de vida, definido como um processo complexo com grandes alterações a nível biológico, psicológico e social, que se inicia no momento do nascimento e prolonga-se ao longo da vida do ser humano (Azevedo et al., 2022; Soares et al., 2020). Não podemos falar de processo de envelhecimento sem incluir o conceito de velhice que se caracteriza por ser uma fase específica sujeita, também ela, a diversas mudanças inerentes a essa fase do ciclo vital (Azevedo et al., 2022; Mateus & Alves, 2018; Soares et al., 2020).

Mateus e Alves (2018) acrescentam ainda que a velhice está associada a uma maior solidão, fragilidade, diminuição da capacidade funcional para desempenhar certas atividades, onde são os mecanismos de defesa e resiliência que permitem valorizar as suas experiências pessoais adquiridas ao longo do ciclo vital, a satisfação associada ao bem-estar dos filhos, a valorização e a manutenção das suas relações sociais e ampliação da consciência da espiritualidade (Dagios et al., 2015). Para Azevedo et al. (2022), a cultura também influencia a percepção da velhice, tornando-a num fenómeno biopsicossocial.

Para Martins et al. (2021), é importante reconhecer o papel dos idosos na nossa sociedade, sobretudo em áreas associadas ao envelhecimento saudável e ativo e a qualidade de vida, com o objetivo de promover o bem-estar e a segurança dos idosos. É fundamental considerar-se as alterações demográficas que Portugal tem sofrido ao longo dos anos, verificar as necessidades da população idosa, reunindo recursos para atender às suas necessidades e preferências, de forma a que vivam esta fase do seu ciclo de vida com dignidade e qualidade (Sousa et al., 2020).

O envelhecimento ativo e bem-sucedido, não se foca necessariamente na saúde física e mental como a funcionalidade do individuo, mas também pretende aumentar a expectativa de vida saudável

e, consequentemente, aumentar a qualidade de vida dos idosos conforme vão envelhecendo, nunca esquecendo os mais vulneráveis e que requerem maior atenção e cuidado (Azevedo et al., 2022; De Melo et al., 2020). Acrescenta-se a importância de continuar a envolver o idoso na comunidade, através da participação de atividades culturais, sociais, económicas (Azevedo et al., 2022; Figueira et al., 2020; Madeira et al., 2020; Meneses et al., 2020). O envelhecimento ativo é visto como o processo de potenciar todas as oportunidades associadas à saúde, participação social e segurança, para melhorar a qualidade de vida na velhice (Azevedo et al., 2022, De Melo et al., 2020; Figueira et al.,2020).

Ao longo dos anos, o conceito de qualidade de vida tem vindo a ganhar relevância. Para Villas-Boas et al. (2018) a qualidade de vida é definida como um construto amplo, subjetivo e multidimensional, associado a diferentes aspetos da vida do idoso e às suas experiências de vida, contextualizado segundo um sistema cultural e de valores que são vivenciados pelos idosos e que estão relacionados com os seus objetivos, perspetivas futuras e preocupações.

Torna-se fundamental dar apoio aos mais idosos para que estes possam envelhecer em casa, retardando a institucionalização (Fonseca, 2023). Porém, ao longo da velhice vão surgindo preditores que levam à procura de soluções junto das diversas respostas sociais existentes em Portugal, sendo as mais procuradas, segundo a Carta Social (2023), as ERPI`s (institucionalização permanente) e os Centros de Dia (institucionalização parcial), que procuram auxiliar idosos e famílias oferecendo serviços personalizados e contínuos, promovendo uma melhor qualidade de vida, onde a sua perceção é subjetiva e influenciada por inúmeros fatores (Crispim, 2021; Papalia & Martorell, 2022; Simeão et al., 2018; Soares et al., 2020).

As relações sociodemográficas também são influenciadoras da percepção de qualidade de vida dos idosos. Estudos revelam que a idade, o sexo, a escolaridade, o estado civil e a composição do agregado familiar são preditoras de uma boa ou má perceção da qualidade de vida (Martins et al. 2020; Oliveira et al., 2023; Papalia & Martorell, 2022; Rodrigues et al., 2020). Acredita-se que, com o avançar da idade e a possibilidade da perda da autonomia, bem como com o surgimento de doenças, estes idosos tenham uma pior qualidade de vida (Dagios et al., 2015; Madeira et al., 2022; Simeão et al., 2018). Oliveira et al. (2023) referem que as mulheres têm maior longevidade de vida comparativamente com os homens. A heterogeneidade entre homens e mulheres, quer pelos seus papéis sociais quer pelas suas vivências e experiências sociais e culturais, são de suma importância no que respeita à qualidade de vida. Acrescentam ainda que a feminização insere-se no processo de envelhecimento, caracterizando-se pelo predomínio do sexo feminino em relação ao masculino, numa população idosa (Oliveira et al, 2023). Os autores consideram que as mulheres adotam estilos de vida mais saudáveis, associadas a atividades de lazer ou às atividades domésticas, que as mantêm mais ativas (Oliveira et al, 2023).

A escolaridade na maioria dos estudos nacionais e internacionais, é explicativa para a capacidades que os idosos possuem de fazerem melhores escolhas de estilos de vida mais saudáveis e mesmo na capacidade de encontrar estratégias de coping para um envelhecimento ativo e bem-sucedido (Martins et al. 2020; Rodrigues et al., 2020).

Também as variáveis sociodemográficas são preditoras de tomadas de decisão mais eficazes, até mesmo na escolha de respostas sociais como ERPI`s e Centros de Dia, que melhor correspondam às suas necessidades.

MÉTODO

Este estudo obedece a uma metodologia quantitativa com um desenho descritivo, transversal e comparativo. Este estudo envolveu 87 participantes (amostra não probabilística), divididos em 2 grupos: residentes em ERPI`s e utentes de Centros de Dia. No grupo dos residentes em ERPI`s, constam 42 participantes (48.28%), dos quais 12 (28.57%) eram do sexo masculino e 30 (71.43%) do sexo feminino, viúvas na sua maioria. A escolaridade situa-se ao nível do 1º ciclo e concentravam-se no grupo etário entre os 86 e os 100 anos (n=11, 44%). No que diz respeito ao sexo masculino, a maior concentração foi notada entre os 86 e os 100 anos, viúvos e com escolaridade ao nível do 1º ciclo (n=7, 28%). Já no grupo dos utentes de Centros de Dia, contabilizaram-se 45 participantes (51.72%), sendo 11 (24.44%) do sexo masculino e 34 (75.56%) do sexo feminino. No que se refere à caracterização dos participantes dos Centros de Dia, a análise revelou uma predominância feminina, viúvas e com formação escolar ao nível do 1º ciclo, sendo a faixa etária dos 76 aos 85 anos a mais predominante (n=10, 52.63%). Paralelamente, observou-se uma presença masculina igualmente concentrada na faixa etária de 86-100 anos (n=3, 15.79%), viúvos e com escolaridade ao nível do 1º ciclo.

Quanto aos materiais utilizados, estes foram: um questionário sociodemográfico com 12 questões fechadas, que permitiu a caracterização dos participantes e a recolha de diferentes variáveis pertinentes para o presente estudo. O mesmo questionário foi utilizado para caracterizar os residentes das ERPI`s e utentes de Centros de Dia, onde permitia a identificação da resposta social em que se encontravam no momento; para a avaliação da qualidade de vida utilizou-se o WHOQOL-Bref, validado para a população portuguesa por Canavarro et al. (2007), constituído por 26 itens, dois itens carácter mais geral, sobre a perceção da qualidade de vida e a perceção de saúde, enquanto os restantes 24, são mais específicos. Está organizado em quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e ambiente. Os itens são respondidos através de uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos, em que pontuações mais elevadas correspondem a melhores perceções de qualidade de vida.

Foi realizada uma exaustiva revisão do estado da arte, seguindo-se a construção do questionário sociodemográfico e o pedido de autorização aos autores do WHOQOL-Bref. Foi entregue um protocolo de investigação à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Após parecer positivo, foram enviados os pedidos de autorização para as instituições com as informações pertinentes para a realização do estudo e recolha de dados. Após as autorizações serem concedidas, procedeu-se a reuniões com os utentes para explicação e esclarecimento de dúvidas sobre todo o estudo e realizou-se uma calendarização com todas as instituições de modo a não perturbar as atividades dos idosos. Antes da recolha de dados, foram solicitados os consentimentos, tendo sempre em atenção a privacidade e confidencialidade dos dados.

Finalizada a recolha foi elaborada uma base de dados no Statistical Package for the Social Sciences – 28 (SPSS), recorrendo-se posteriormente ao JASP – 0.18.1, para a análise estatística. Num primeiro momento, foram utilizadas técnicas exploratórias de dados através de estatísticas descritivas com o intuito de explicar as informações referentes à caracterização dos participantes de ambas as respostas sociais. Antes da escolha dos testes estatísticos foram realizados os pressupostos de normalidade para as variáveis através do teste de Shapiro-Wilk. Para analisar as relações entre as variáveis recorreu-se a testes paramétricos e não paramétricos, segundo os resultados obtidos na

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.282

avaliação de pressupostos, recorreu-se às correlações de Pearson (idade e estado civil), Ponto-Bisserial (sexo) e Spearman (escolaridade).

RESULTADOS

Pode-se verificar na tabela 1, quando se considera a relação entre o estado civil e a QVG, nos residentes das ERPI`s que existe uma correlação positiva significativa, com um tamanho do efeito médio. São os viúvos e os divorciados que têm melhor perceção de qualidade de vida; nos Centros de Dia, foi observada uma correlação negativa significativa, com um tamanho do efeito médio. São os casados que percecionam melhor qualidade de vida. Junto dos residentes das ERPI`s, não foram encontradas relações estatisticamente significativas nas restantes variáveis (sexo, idade e escolaridade) em relação à QVG e os seus domínios.

Quanto aos resultados significativos obtidos no grupo dos Centros de Dia, verificou-se uma correlação negativa significativa entre o sexo e o domínio das relações sociais, com magnitude média. São os homens que consideram ter melhores relações sociais. Quando verificada a escolaridade, observou-se uma correlação positiva significativa entre a escolaridade e a QVG e os domínios físico, psicológico, relações sociais, com um tamanho de efeito médio. No domínio do ambiente, revelou também uma correlação significativa positiva, sugerindo um tamanho de efeito grande. Quanto maior a escolaridade melhor a perceção de qualidade de vida e dos seus domínios. Não foram encontrados resultados estatisticamente significativos no que se refere à variável idade.

Tabela 1 - Relações entre as variáveis sociodemográficas e a perceção de qualidade de vida e os domínios físico, psicológico, sociais e ambiente nos residentes de Estruturas Residenciais para Idosos e nos utentes de Centros de Dia

ERPI	QVG	Físico	Psicológico	Relações Sociais	Ambiente
Idade	.028	-.168	-.076	-.070	-.123
Sexo	.171	.052	.157	.175	.240
Estado Civil	.319*	.177	.030	-.052	-.137
Escolaridade	.089	.288	.198	.156	.054
Centros de Dia					
Idade	.056	.051	.080	.034	.091
Sexo	-.248	-.032	-.218	-.342*	-.048
Estado Civil	-.312*	-.211	-.205	-.149	-.004
Escolaridade	.385**	.452**	.406**	.370*	.530***

* p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Nota: Tamanho do Efeito (Pequeno r=.10, Médio r=.30, Grande r=.50) (Fields, 2009)

DISCUSSÃO

No âmbito deste estudo, a amostra é constituída por um total de 87 participantes, 42 pertencentes a ERPI`s (48.28%) e 45 a Centros de Dia (51.72%), com idades compreendidas entre os 65 e 99 anos, do distrito do Porto. Em ambas as respostas sociais os participantes eram na sua maioria do sexo feminino, viúvas e com escolaridade ao nível do 1º Ciclo. Nas ERPI`s destacava-se a faixa etária dos 86-100 anos (44%) e nos Centros de Dia, a faixa etária dos 76 aos 85 anos (52.53%). Os participantes deste estudo quanto às das características sociodemográficas semelhantes aos de Oliveira et al. (2023), Rodrigues et al. (2020) e Sousa et al.

(2021). A feminização é destacada na literatura como parte integrante do processo de envelhecimento (Oliveira et al., 2023). O estudo de Sousa et al. (2021) apontam para uma maior longevidade humana no sexo feminino embora, muitas vezes, essa longevidade seja acompanhada de alguma debilidade biológica, caracterizada pelas doenças crónicas e falta de autonomia enquanto os homens têm um tempo menor de vida.

Para dar resposta ao objetivo do estudo fomos verificar a existência de relações entre as variáveis sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade, estado civil) e a perceção de qualidade de vida (geral, e os domínios físico, psicológico, relações sociais e ambiente). Os resultados dos residentes das ERPI`s sugeriram que os viúvos e divorciados têm uma melhor perceção de qualidade de vida, o que é corroborado por Papalia e Martorell (2022) e Sousa et al. (2021). Os autores consideram que a viuvez influencia a perceção de qualidade de vida. O estudo de Crispim (2021), apontava que os fatores sociodemográficos podem muitas vezes serem os preditores da institucionalização, ou seja, a ausência de um cuidador e da incapacidade de as famílias assumirem um papel presente na vida dos idosos na resposta às suas dificuldades e desafios pode levar mais rapidamente a uma institucionalização. Podemos ainda acrescentar que os resultados obtidos no presente estudo podem ser mais bem explicados pelo ambiente institucional que fornece um suporte contínuo com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, sobretudo para aqueles que já não têm o seu parceiro ou mesmo aquando da ausência de familiares próximos. Na mesma linha de pensamento, Soares et al. (2020) referem que a possibilidade de interação com outros residentes, diminui os sentimentos de solidão contribuindo positivamente para a saúde mental e para uma maior segurança que a ERPI pode fornecer a quem antes dependia, aos mais diversos níveis, dos seus parceiros e proporcionar melhores cuidados personalizados. Já nos Centros de Dia os resultados apontavam para que os casados tinham uma melhor perceção de qualidade de vida, o que está de acordo com Papalia e Martorell (2022), pois os idosos casados experienciam menores sentimentos de solidão, depressão e ansiedade e apresentam uma maior segurança emocional, o que contribuiu para uma melhor perceção da qualidade de vida. Os idosos casados contam com o apoio e companheirismo dos seus parceiros, tornando-os mais seguros e confiantes, contribuindo assim para um ambiente familiar mais acolhedor, o que está de acordo com os estudos de Oliveira et al. (2023) e Rodrigues et al. (2020).

Nos utentes dos Centros de Dia, verificou-se que são homens que consideram que têm melhores relações sociais, o que é corroborado pelo estudo de Oliveira et al. (2023) onde destacaram que apesar das mulheres alcançarem uma maior longevidade de vida são os homens que manifestavam ter melhores perceções de qualidade de vida, nomeadamente nas relações sociais. No entanto, o estudo de Simeão et al. (2018) apontavam resultados contrários ao nosso estudo, na medida em que eram as mulheres que apresentavam melhores perceções nas relações sociais. Estes resultados podem dever-se ao processo de feminização onde a mulher, ao longo do tempo, foi ganhando destaque na sociedade em diversas áreas (educação, trabalho) e também podem ser justificados através dos fatores culturais e sociais. No presente estudo, o sexo masculino nos Centros de Dia, representa uma minoria o que poderá justificar os resultados encontrados, na medida em que estando em minoria podiam apresentar-se de forma mais visível e mais centrais nas interações sociais e com uma capacidade de adaptação maior à institucionalização parcial, bem

como às atividades realizadas pelos Centros de Dia que poderão ir mais de encontro às suas expectativas, o que consequentemente aumenta e melhora as suas relações sociais. As relações intersociais nos Centros de Dia influenciam diversos aspetos como a saúde física, emocional e mental e sobretudo a qualidade de vida (Oliveira et al., 2023).

No que se refere aos resultados da escolaridade e a sua relação com percepção da QVG e dos domínios, verificou-se que junto dos utentes dos Centros de Dia, quanto maior a escolaridade maior a perceção de QGV e, consequentemente, nos restantes domínios. Consideramos pertinente salientar que, para além da educação formal dos idosos, devemos também considerar as suas vivências, experiências de vida que funcionam como aprendizagens ao longo do ciclo vital, bem como o suporte social formal e informal, que podem contribuir para uma melhor perceção da QGV e dos domínios. Estes resultados vão de encontro aos do estudo de Rodrigues et al. (2020) que salientam que a escolaridade é um forte indicador de qualidade de vida e verificam também ligações positivas com os restantes domínios. Consideram que é um facilitador de melhores escolhas no que respeita a estilos de vida mais saudáveis, resultando um maior sentimento de segurança, maiores interações sociais, independência e bem-estar emocional. Maiores indicadores de escolaridade tornam os idosos mais felizes e motivados adaptando-se melhor ao processo de envelhecimento. O estudo de Azevedo et al. (2022) aponta para resultados contrários aos nossos na medida, em que a adoção de estilos de vida mais saudáveis era relativamente baixa e possivelmente justificada pela baixa escolaridade. Mas no que respeita ao domínio das relações sociais, o estudo de Azevedo et al. (2022) coincide com os resultados deste estudo, quando destacam que a escolaridade influencia a expansão das redes sociais do idoso. Outros aspetos podem contribuir para melhor explicar os resultados do nosso estudo, quanto às relações entre a escolaridade e a QGV e os seus domínios. Melhores perceções de qualidade de vida podem eventualmente estarem relacionadas com um maior acesso às informações, cuidados de saúde, maior rede de suporte social, capacidade de defender os seus interesses, maior controle e autoeficácia, bem como melhores escolhas nas participações de atividades sociais e de bem-estar.

Os resultados obtidos na relação da escolaridade com os restantes domínios podem ser melhor explicados por diversos fatores. No que se refere ao domínio físico, os idosos com maior escolaridade podem possuir maiores conhecimentos de autocuidado, o que pode contribuir para melhorar a sua saúde física e aumentar a adesão aos tratamentos médicos.

No que se refere à relação com o domínio psicológico, a escolaridade parece contribuir para uma melhor saúde mental, aumentar a autoestima, melhorar a sua resiliência e a capacidade de lidar com as dificuldades conseguindo adquirir estratégias de coping para enfrentar os desafios e capacitá-los para melhores tomadas de decisão e resolução de problemas, corroborado pelo estudo de Rodrigues et al. (2020).

Na relação entre a escolaridade e as relações sociais, essa influência pode ser melhor explicada pelo suporte social informal (família, amigos) que se traduz pela regularidade do seu convívio e a permanência nos Centros de Dia são facilitadores para ampliar as redes de suporte informal e formal, ou seja, a equipa multidisciplinar torna-se também, muitas vezes, num “membro da família” pelo apoio prestado e pelo sentimento de confiança e afeto fornecido. Os estudos de Madeira et al, (2022) e Meneses et al. (2021) estão alinhados com os resultados do presente estudo,

pois consideram que essa relação se deve ao facto de os idosos poderem vivenciar e participar em atividades na comunidade e nos Centros de Dia, que são fundamentais para o seu bem-estar e para uma velhice mais saudável, repleta de experiências positivas.

Por último, a relação entre a escolaridade e o ambiente, associada aos fatores físicos, sociais e económicos, onde não são salientadas somente as condições de habitação e transporte, mas também aspetos relacionados com as condições financeiras, segurança física, acesso a atividades de lazer e cuidados de saúde, pode estar relacionado com o suporte social formal e informal que auxilia os idosos e permite capacitá-los para o acesso à informação e que preenche as lacunas na educação formal, fortalecendo a resiliência dos idosos face aos desafios encontrados no domínio ambiente, contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida. Podemos ainda acrescentar que os Centros de Dia têm um papel fundamental na vida dos idosos na medida que são facilitadores da manutenção da autonomia, sentido de pertença, estimulam a interação social e o bem-estar psicológico, mas para além dos aspetos salientados anteriormente como possíveis explicações para as relações e escolaridade e QGV e os domínios físico, psicológico, relações sociais e ambiente, podemos ainda destacar o contexto cultural, socioeconómico e demográfico como elemento influenciador, conforme é corroborado pelo estudo de Rodrigues et al. (2020) que abordavam os benefícios de escolhas mais saudáveis e adoção dos estilos de vida, maior envolvimento social e a participação em atividades, promovendo uma melhor saúde mental com a diminuição da solidão, e dos sentimentos de depressão e ansiedade.

A ausência de resultados estatisticamente significativos na relação das variáveis sociodemográficas em estudo com a perceção de qualidade de vida (geral e domínios) em ambas as respostas sociais, são merecedoras da nossa atenção e possivelmente melhor explicadas pelas características individuais dos nossos participantes, a homogeneidade entre eles, diversos fatores de influência da qualidade de vida não estudados, bem como a adaptação a uma nova rotina de vida, ou seja, a institucionalização quer seja ela parcial ou permanente e pelos serviços padronizados e estruturados oferecidos por ambas as respostas sociais , onde não é realizada qualquer discriminação em detrimento do sexo, da idade, do estado civil ou mesmo da escolaridade.

Contudo, este estudo apresentou algumas limitações, nomeadamente a representatividade geográfica, a composição da amostra (elevado número de mulheres, o estado civil e a idade), o número de participantes que não permite a generalização de dados nem era representativo das duas respostas sociais; o ser um estudo exclusivamente quantitativo e a utilização de um construto subjetivo (qualidade de vida) que é influenciado por inúmeros fatores. Sugere-se em próximas investigações o recurso a estudos longitudinais; ampliar a diversidade geográfica e cultural permitindo uma análise mais comparativa e revelar as especificidades regionais nas necessidades dos idosos; análise de outras variáveis sociodemográficas (nível socioeconómico, problemas de saúde, entre outras) e estudos mais específicos relativamente às variáveis sociodemográficas e às suas relações com a qualidade de vida e os seus domínios; incluir estudos qualitativos ou mistos que oferecessem uma melhor compreensão das experiências dos idosos e das suas expectativas futuras, contribuindo para políticas mais centradas e individualizadas para a melhoria de qualidade de vida.

CONCLUSÃO

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.282

O fenómeno do envelhecimento populacional em Portugal é uma tendência demográfica que vem sendo marcada ao longo dos anos o que torna fundamental compreender os desafios que essa população despoleta e encontrar soluções e oportunidades para fazer face a essa problemática. Em Portugal existem diversas respostas sociais que apoiam os idosos nesses desafios e dificuldades, mas este estudo focou-se essencialmente em duas delas, as ERPI`s e os Centros de Dia, que são as mais procuradas pelas famílias e pelos idosos, embora se perceba que a oferta não é ainda suficiente para o elevado número de idosos que necessitam de apoios mais personalizados.

Assim sendo, cresceu a preocupação e a pertinência em verificar em que medida estas respostas sociais acompanhavam as diretrizes internacionais para um envelhecimento ativo e saudável e se conferiam qualidade de vida aos nossos idosos. Verificando em que medida as relações sociodemográficas são também elas influenciadoras da perceção de qualidade de vida.

Assim, podemos referir que aqueles que residem nas ERPI`s e que não contam com o apoio dos seus parceiros, diminuíram a sua perceção de qualidade de vida. Quanto aos utentes dos Centros de Dia, são os casados que têm melhores perceções de qualidade de vida, destacam-se os homens no que se refere à perceção de terem melhores relações sociais e a escolaridade surge como um influenciador da perceção de qualidade de vida geral e nos diversos domínios. É importante que os resultados obtidos nos estudos referentes à qualidade de vida e dos seus domínios, podem ser traduzidos em insights valiosos no melhoramento e elaboração de novas estratégias e políticas públicas direcionadas para proporcionar melhor bem-estar e satisfação aos idosos através de intervenções mais personalizadas e focadas no envelhecimento ativo e na qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azevedo, L., Riscado, P., & Maia, C. (2022). A influência do envelhecimento ativo na qualidade de vida da pessoa idosa: revisão integrativa da literatura. *HIGEIA, VII*(1), 17-27. http://hdl.handle.net/10400.11/8072

Carta Social. (2023). *Carta social - Rede de serviços e equipamentos - Relatório 2021*. https://www.cartasocial.pt/documents/10182/13834/csocial2021.pdf/12f65226-8c2a-42ef-b8b3-dad731ecccaf

Canavarro, M. C., Simões, M. R., Vaz Serra, A., Pereira, M., Rijo, D., Quartilho, M. J., & Carona, C. (2007). Instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde: WHOQOL-Bref. In M. Simões, C. Machado, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos Validados para a População Portuguesa* (Vol. III, pp. 77-100). Quarteto Editora.

Crispim, R. (2021). Institucionalização na velhice: uma revisão sistemática da literatura sobre

preditores em contexto de Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI). *methaodos. Revista De Ciencias Sociales,* *9*(2), 258-271. https://doi.org/10.17502/mrcs.v9i2.499

Dagios, P., Vasconcellos, C., & Evangelista, D. H. R. (2015). Avaliação da qualidade de vida: comparação entre idosos não institucionalizados participantes de um centro de convivência e idosos institucionalizados em Ji-Paraná/RO. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, *20*(2). https://doi.org/10.22456/2316-2171.41571

De Melo, L. D., Arreguy-Sena, C., Pinto, P. F., Gomes, A. M. T., Santos, J. D. C., & Brandão, M. A. G. (2020). Concepções de idosos sobre as políticas (inter) nacionais do envelhecimento humano. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, *8*(4), 865. https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4237

Figueira, O., Figueira, H., Dantas, E. H. M., Franco, R. S., & Perini, C. C. (2020). Estratégias para a promoção do envelhecimento ativo no Brasil: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, *9*(10), https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8556

Fonseca, A. M. G. da. (2023). "Aging in Place" – Envelhecer em casa e na comunidade. PerCursos, 24, https://doi.org/10.5965/19847246242023e0104

INE. (2021). *Projeções de População Residente 2018-2080*. https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=426127543&att_display=n&att_download=y

INE. (2022). *Censos 2021 - Divulgação dos Resultados Definitivos*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=65586079&PUBLICACOESmodo=2

Madeira, E. S., Silva, J. R. M. da, Souza, P. A. de, Macedo, E. C., Silva, C. M. C. da, & Felix, R. Y. K. (2022). Quality of life in elderly attend of a social center / Qualidade

de vida em idosos integrantes de um centro de convivência. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, *14*, https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11865

Martins, M. do R., Guerra, M. S., & Azeredo, Z. (2020). Qualidade de vida da pessoa idosa: estudo comparativo de alguns determinantes. Gestão E Desenvolvimento, (28), 139-158. https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2020.9469

Martins, M., Henriqueto, S., & Martins, M. H. (2021). Resiliência, saúde percebida, bem-estar subjetivo e psicológico e suporte social em idosos institucionalizados e não-institucionalizados. *Psique*, *17*(2). https://doi.org/10.26619/2183-4806.xvii.2.2

Meneses, K. F., Aguiar, A. C. d. S. A., & Martins, L. A. (2021). Concepção de pessoas idosas sobre grupos de convivência. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 123–129. https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.7928

Oliveira, G. P. L., Rocha dos Santos, V., Santos, V. R. d., Leite, A. d. S., Boscalha, K. A. C., Sogame, L. C. M., & Pampolim, G. (2023). A influência do gênero nos domínios da qualidade de vida em idosos de uma unidade de saúde de Vitória-ES. *Clinics Biopsychosocial,* *1*(1). https://clinicsbiopsychosocial.com/index.php/cbps/article/view/4

Papalia, D. E. & Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento Humano* (14 ed.). Artmed

PORDATA. (2024). *Índice de envelhecimento na Europa.* https://www.pordata.pt/europa/indice+de+envelhecimento-1609

Rodrigues, D. d. C., Espinosa, M., M., Reschetti Marcon, S., & Alves, B., M., M. (2020). Percepção da qualidade de vida de pessoas idosas em centros de convivência no município de Cuiabá, Mato Grosso. *Revista ciências em saúde*, *10*(1), 31–39.

https://doi.org/10.21876/rcshci.v10i1.878

Simeão, S. F. d. A. P., Martins, G. A. d. L., Gatti, M. A. N., Conti, M. H. S. D., Vitta, A. D., & Marta, S. N. (2018). Estudo comparativo da qualidade de vida de idosos asilados e frequentadores do centro dia. *Ciência & Saúde Coletiva*, *23*(11), 3923–3934. https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.21742016

Soares, G. S., Pedroso, J. K., Rubert, L. M., Marques, M. G., Ferreira, Y. M., Rodrigues, R. F. d. L., & Carlesso, J. P. P. (2020). Qualidade de vida em uma instituição de longa permanência para idosos de Santa Maria: Um relato de experiência. *Research, Society and Development*, *9*(4), https://doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2766

Sousa, F. D., Oliveira, C. R., Pinto, A. M., Rodrigues, V., Gonçalves, L. H., & Gamba, M. A. (2021). Qualidade de vida de idosos brasileiros e portugueses: uma análise comparativa. *Revista CUIDARTE,* *12*(1). https://doi.org/10.15649/cuidarte.1230

“Os autores declaram que não há conflito de interesse.”